

O SERTÃO*

Prof. Oswald Barroso

No sertão, mercê da vegetação arranhenta e espinhosa, vestir os couros torna-se obrigatório. O encouramento completo é formado pelo chapéu de couro, gibão, guarda-peito ou peitoral, luvas, perneiras e sapatos ou chinelas. Completam as vestes do vaqueiro, além disso, as esporas feitas de ferro-ferrugento, metal amarelo, níquel ou prata (para passeio), com duas correias de couro (cilha e atacadeira) ajustando-as às perneiras. Antigamente, o chapéu de couro tinha obrigatoriamente as abas largas e quebradas na frente, para a proteção do rosto do vaqueiro contra a vegetação agressiva. Depois, com o avanço do desmatamento, as abas diminuíram. São partes do chapéu de couro, a carapuça, as abas, o barbicacho com suas correias, e o matame. As correias do barbicacho, quatro de cada lado da aba, além de servir para regulá-lo, outrora usava-se para amarrar positivos, que eram mensagens mandadas pelo patrão através do vaqueiro. Nas fazendas de gado, quase tudo era de couro, as camas, os tamboretos, as cadeiras, as cordas, os alforjes, os baús, as bruacas e os surrões, a mochila para milhar cavalo, as bainhas, a amarração da taipa, a cobertura dos armadores etc. Inicialmente o couro era curtido e trabalhado na própria fazenda, pelo vaqueiro ou outro agregado, através de técnicas rudimentares. Só no final do século passado, apareceram no Nordeste os curtumes industriais. Com eles, surge o seleiro especializado e o artesão de couro. Localizando sua oficina nas vilas e cidades interioranas, eles passam a utilizar máquinas industriais e a atender encomendas provenientes das mais diferentes e distantes localidades. Sem fugir ao estilo, o artesão diversifica sua produção, fabricando calçados os mais diferentes, bolsas e outros de uso caseiro e individual. A introdução das relações capitalistas no meio rural, a divisão das propriedades, a decadência da pecuária, o quase desaparecimento da criação extensiva, o empobrecimento da flora e da fauna, o tempo e a modernidade, enfim, modificaram a vida no sertão e o próprio vaqueiro. A introdução de novas raças mudou as características do boi e do cavalo. O uso de “mangas” para o pastejo e de resíduos industrializados possibilitou a criação das reses em cercado. Apesar do aperfeiçoamento tecnológico da pecuária, com a introdução de novos procedimentos e tecnologias, a situação do vaqueiro, em muitos aspectos, mudou para pior. Ele, que antes, nas fazendas de gado, constituía um seguimento de

* **FONTE:** Sinf Secult(Sistema de Informação da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará). Relatório de Listagem de Patrimônio Imaterial. (www.sinf.secult.ce.gov.br)

profissionais de elite, hoje, pouco difere dos demais trabalhadores rurais. Já não conhece a quarta, que lhe dava um bezerro em cada quatro nascidos sob seus cuidados e abria-lhe a possibilidade de ser ele também, um dia, fazendeiro. Virou assalariado como os outros, ganhando remuneração miserável, por volta de um salário mínimo. Com obrigações demais e direitos de menos, não tem hora para iniciar ou terminar o serviço, a não ser a determinada pela vontade do patrão, que raramente lhe assina a carteira de trabalho ou lhe concede os direitos trabalhistas. Se recorre à Justiça do Trabalho, quase sempre é perseguido pelo patrão e, não raro, ameaçado de morte. As mudanças nas relações de trabalho se resultaram na quebra dos laços de dependência, entre patrão e vaqueiro, provocaram também a ruptura dos laços de amizade e lealdade. Se desapareceram as relações de sujeição, desapareceu também o compadrio e a afetividade, que possibilitavam gestos de generosidade, por parte do fazendeiro. O vaqueiro já não é considerado pelo patrão gente de sua responsabilidade. Sua obrigação para com ele acaba com o pagamento do salário. Em muitas fazendas não se permite ao vaqueiro, nem mesmo, servir-se do leite das vacas para alimentar os filhos. Como consequência, o vaqueiro troca com frequência de fazenda, mendigando serviço a um e outro fazendeiro. Falta-lhe segurança no emprego. Nas travessias com o gado, foi substituído pelo caminhão. Pouco se liga à terra, ao gado, à fazenda e ao patrão. Seu nomadismo por vocação, tornou-se uma imposição do meio social. Migra com facilidade, mudando de profissão. Geralmente, leva a família, mas em casos numerosos segue sozinho, abandonando os filhos e a mulher, numa viuvez, de fato, extemporânea e cruel. Muitas vezes, termina a vida, abandonado nas periferias das grandes cidades, sofrendo a nostalgia dos sertões. Na fazenda, seu trabalho é comezinho e puxado, restringindo-se, quase tão somente, à lida estafante do curral. Poucas são as fazendas e as ocasiões em que tem oportunidade de exercer seu mister maior: derrubar o boi. Tratado sem nenhuma distinção, discriminado até, sua auto-estima foi rebaixada. Poucas são as suas oportunidades de diversão. Queixa-se que só é lembrado pelas autoridades nas solenidades públicas, quando o é. Até nas vaquejadas é substituído, quase sempre, por esportistas da cidade sem nenhuma familiaridade com a lida do campo. Nas secas vira indigente, migra ou vai trabalhar nas frentes de serviços, empregado em tarefas pesadas que nada têm a ver com sua especialidade. Em contrapartida, cresceu entre os vaqueiros a inclinação gregária, o sentimento de pertença a uma mesma classe, a solidariedade e a tendência a somar forças em defesa de reivindicações comuns. Por isto, o aparecimento de associações reunindo a categoria,

que além da defesa dos interesses dos associados, organizam missas, cortejos, festas e outros eventos, para promover a outrora legendária figura do vaqueiro. Hoje, no sertão, o vaqueiro é como um nobre decadente. Vassalo de um rei destronado (o fazendeiro), muitas vezes, ao vaqueiro, faltam recursos para comprar a vestia de couro, que antigamente ostentava com tanta vaidade. Resta-lhe a lembrança de uma época de ouro, um certo orgulho em ter sido considerado um dia o herói do Nordeste, e a saudade da liberdade que desfrutava nas léguas sem fim da caatinga. De pastor e cavaleiro do sertão, o vaqueiro tornou-se sedentário “cuidador” de gado. Como figura emblemática do sertão, no entanto, sua mística mantém-se inalterável no imaginário brasileiro. Seja nas canções, nos repentes, nos romances, filmes e novelas, seja nas festas e folguedos, o vaqueiro é ainda o cavaleiro andante, o herói encourado, expressão máxima do ideal sertanejo.